

Versão Online ISBN 978-85-8015-093-3
Cadernos PDE

VOLUME I

OS DESAFIOS DA ESCOLA PÚBLICA PARANAENSE
NA PERSPECTIVA DO PROFESSOR PDE
Artigos

2016

CULTURA POPULAR – A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS COMO OPORTUNIDADE DE RESGATE DA CULTURA LOCAL

Autor: **Rubens Antonio da Rocha**¹

Orientador: **Alvaro Levis Bitencourt**²

Resumo: O artigo, Cultura popular – A contação de histórias como oportunidade de resgate da cultura local, foi destinado ao Programa de Desenvolvimento Educacional-PDE, da Secretaria de Estado da Educação do Paraná-SEED. Este trabalho teve por objetivo trazer a contação de histórias, por ser uma linguagem alegre e dinâmica, como uma possibilidade de restaurar a cultura local. As riquezas culturais recuperadas por meio da contação de histórias, podem enriquecer o processo de aprendizagem a partir de ações que as contemplem. Este artigo está embasado nas Diretrizes Curriculares de Arte e da Educação do Campo/SEED, e em autores como Bia Bedran; pesquisadora e contadora de histórias, Cléo Busatto; contadora de histórias, estudiosa da literatura oral, Gislayne Avelar Matos; contadora de histórias que explora a dimensão educativa das narrativas, Fábio Henrique N. Medeiros; pesquisador de histórias de tradição oral. Além de escritores como Ecléa Bosi; que revive as memórias de pessoas simples, Jacques Le Goff; que fala sobre o tempo e as memórias, Malba Tahan; que escreveu sobre a contação de histórias aplicada às diferentes linguagens do conhecimento, Maurice Halbwachs; que fala das memórias e da vida cotidiana, Walter Benjamin; que escreveu sobre a história, a arte e as narrativas. Espera-se que este trabalho contribua para que a escola seja vista como uma instituição que vai além do conhecimento sistematizado, mas que também valoriza a história, a cultura local, fomenta a aproximação entre os educandos e os contadores de histórias, que dá visibilidade as raízes culturais formadoras da identidade local.

Palavras-chave: Contação de Histórias. Narrativas orais. Memória e cultura.

INTRODUÇÃO

O projeto “Cultura popular – A contação de histórias como oportunidade de resgate da cultura local”, foi pensado como possibilidade de restaurar a cultura local valendo-se da contação de histórias, uma vez que esta, era parte do cotidiano das famílias num passado recente, tanto nos grandes aglomerados urbanos quanto nas pequenas comunidades interioranas, quando ainda não existiam as facilidades proporcionadas pelas mídias digitais incorporadas ao cotidiano das pessoas, especialmente dos jovens. Ao redor de uma mesa, ou aquecidos por um fogão a lenha, os familiares ouviam atentamente as experiências de vida dos mais velhos, transformadas em histórias. As gerações que nos antecederam, tiveram a oportunidade de viver estes momentos de

¹ Professor PDE - turma 2016/2017, graduado pela Escola de Música e Belas Artes do Paraná - EMBAP. Professor de Arte no C.E.C. Dr. Caetano Munhoz da Rocha EF/EM, Quitandinha-Pr.

² Mestre em Performance Teatral pela Monash University/Austrália (2010), atualmente é Professor do curso de Licenciatura em Teatro da Universidade Estadual do Paraná/FAP – Pr.

aconchego, de sentir os aromas no ar, onde havia intimidade com as palavras. Eram histórias carregadas de personagens e imagens, com a musicalidade das vozes que se alternavam, pela magia que envolvia o círculo familiar. A prática de reunir a família para contar histórias e conversar, era um hábito comum nos lares, um legado quase desaparecido, mas que, em alguns círculos familiares as rodas de prosa bravamente ainda resistem ao apelo fácil das mídias.

A sociedade contemporânea, movida pela gigantesca estrutura de comunicação que se instalou, promoveu mudanças radicais. Os hábitos familiares gradativamente também se ajustaram aos novos tempos, influenciados pelo uso massivo das mídias digitais, que entre outros fatores de transformações sociais corroboraram para que aquela forma de reunião familiar, de muitas conversas, que incluíam as contações de histórias, também fosse atingida. Estes argumentos mostram que hoje os habitantes das pequenas comunidades do interior, estão distantes dos grandes centros urbanos, mas nem por isso menos conectados ao mundo virtual, tampouco imunes a estas influências.

A contação de histórias traz à lembrança as tradicionais rodas de conversa, estimula a reflexão sobre a importância das raízes culturais como afirmativas de identidade e pertencimento ao seu lugar, mantém viva a memória e as origens, aproxima diferentes gerações, traz a possibilidade de redescobrir o sentimento de identidade das comunidades que partilham os mesmos modos de vida, que juntos construíram a cultura local.

O projeto “Cultura popular – a contação de histórias como oportunidade de resgate da cultura local”, foi uma proposta para estimular a prática da oralidade no ambiente escolar e pode aproveitar o que de melhor a contação de histórias oferece: a utilização de uma linguagem alegre, além da cumplicidade entre o contador de histórias e sua plateia. Para a contadora de histórias Cléo Busatto, “O contador de histórias cria imagens no ar materializando o verbo e transformando-se ele próprio nesta matéria fluída que é a palavra”. (BUSATTO. 2012, p. 9). Ouvir uma boa história, provoca a imaginação, aguça a criatividade, transforma palavras em imagens que são construídas individualmente.

As riquezas culturais proporcionadas pela contação de histórias, podem se transformar em realidade educacional a partir de diferentes ações

metodológicas que poderão contribuir para o aprimoramento do senso crítico e do aprendizado dos estudantes nos diferentes conhecimentos. Essa proposta de prática educacional contribui para que a escola não seja vista somente como difusora dos conhecimentos sistematizados, mas uma instituição que também valoriza a cultura e promove a aproximação entre os educandos e os contadores de histórias do local. As conquistas educacionais e culturais decorrentes da implantação desse projeto, foram compartilhados com a comunidade escolar.

As bases para as pesquisas do Projeto de Intervenção Pedagógica na Escola, bem como deste artigo, foram articuladas pelas orientações contidas nas Diretrizes Curriculares da Educação do Campo (SEED. PR, 2006), que destacam a valorização dos sujeitos do campo, além das Diretrizes Curriculares da Educação Básica - Arte (SEED. PR, 2008), que contemplam os fundamentos dos trabalhos pedagógicos em arte.

DESENVOLVIMENTO

As estórias são contadas no passado, mas elas não têm passado. Só tem presente. Estão sempre vivas. Quando as ouvimos ficamos “possuídos”, rimos, choramos, amamos, odiamos – embora elas nunca tenham acontecido.

(RUBEM ALVES in MEDEIROS, 2015, p. 192)

O homem primitivo registrou suas histórias em diferentes suportes, tanto através das pinturas rupestres que representam cenas de lutas corporais, de sobrevivência em ambiente hostil, que mostram a presença de animais domesticados, animais ferozes, bem como por meio de utensílios decorados, ferramentas utilitárias, pequenas estatuetas, em suma, um conjunto de elementos produzidos que permitiram reconstruir a nossa história ancestral. Assim, com as inscrições rupestres, o ser humano deixou um vasto inventário histórico, visual e narrativo por onde passou, expondo os modos de vida, a sua organização social, mas sobretudo, registrou o processo evolutivo como indivíduo. Por isso, gravar esses conhecimentos significava a garantia de sobrevivência da espécie. A esse respeito, Bia Bedran esclarece que:

Desde que o mundo é mundo, o homem sempre esteve ao lado de suas narrativas, ao redor do fogo, por meio da escrita rupestre entremeada de sons guturais até a elaboração da linguagem. Contando sua própria história e a do mundo, o homem vem se utilizando da narrativa como recurso vital e fundamental. Sem ela, a sociabilidade e mesmo a consciência de quem somos não seria possível. (BEDRAN, 2012, p. 25).

Falar da ancestralidade, da oralidade, é reverenciar os griots e griottes, exímios contadores e contadoras de histórias da África. Estes, são pessoas importantes na complexa cultura africana, os quais representam uma casta familiar com tradições milenares, profundos conhecedores de suas raízes culturais. Até os dias de hoje, são os guardiões das tradições e responsáveis por transmitirem os conhecimentos históricos, genealógicos, dos mitos, contos, músicas e cânticos da sua cultura. Para melhor compreender o papel dos griots na sociedade africana, o contador de histórias Robson A. Santos, conta que:

Na África, o papel dos griots, mestres contadores de histórias é, por meio da sua peregrinação povoado por povoado, levar histórias ensinando aos que ouvem e com isso, fazendo-os aprenderem mais sobre suas culturas e tradições. (SANTOS in TIERNO, 2010, p. 112-113)

Por serem uma casta privilegiada na sociedade africana, os griots e griottes unem-se matrimonialmente entre si, obedecendo à rígida tradição hereditária, o que os torna únicos em relação aos demais membros da sociedade. Seguindo os princípios históricos e culturais que norteiam esta sociedade, uma pessoa não se torna um griot, ela já nasce um griot ou uma griotte. Eles são os protetores das memórias orais do seu povo, transmitidas de geração a geração.

Para falarmos de tradições históricas e orais, o especialista em tradições orais africanas, Amadou Hampâté Bá, afirma que:

Quando falamos de tradição em relação à história africana, referimo-nos à tradição oral, e nenhuma tentativa de penetrar a história e o espírito dos povos africanos terá validade a menos que se apoie nessa herança de conhecimentos de toda espécie, pacientemente transmitidos de boca a ouvido, de mestre a discípulo, ao longo dos séculos. Essa herança ainda não se perdeu e reside na memória da última geração de grandes depositários, de quem se pode dizer são a memória viva da África. (HAMPÂTÉ BÂ, in MEDEIROS, 2015, p. 155).

Hampâté Bá apresenta as tradições orais como a principal herança em relação aos conhecimentos herdados, não sendo possível separá-la da história

uma vez que é uma manifestação da memória. Ele ainda nos faz pensar a respeito de uma sentença da civilização ocidental afirmando que:

Entre as nações modernas, onde a escrita tem precedência sobre a oralidade, o livro constitui o principal veículo da herança cultural, durante muito tempo julgou-se que povos sem escrita eram povos sem cultura. (HAMPÂTÉ BÁ, in MEDEIROS, 2015, p. 155).

Mais adiante, pensando ainda a respeito das tradições orais, de acordo com Bá:

A tradição oral é a grande escola da vida, e dela recupera e relaciona todos os aspectos. [...] Na tradição oral, na verdade, o espiritual e o material não estão dissociados. (HAMPÂTÉ BÁ, in MEDEIROS, 2015, p. 155-156).

Ao inferir tal pensamento, ele amplia a expressividade das tradições orais para um plano elevado onde os sentidos espirituais e materiais estão lado a lado, assim, “a tradição oral consegue colocar-se ao alcance dos homens” (HAMPÂTÉ BÁ, in MEDEIROS, 2015, p. 156-157). A oralidade está presente até os dias atuais entre as diferentes etnias do continente africano. Foi pela oralidade que a cultura negra se consolidou e se perpetuou.

Durante sua lenta e gradativa evolução, a humanidade acalentou o sonho de desvendar os mistérios que havia além da linha do horizonte. Esse sonho aproximou os homens para que juntos pudessem concretizar a maior aventura, de se lançarem ao mar. Após um longo tempo, o homem aprendeu novos conhecimentos, aperfeiçoou as técnicas de construção naval, bem como outros sistemas de navegações. Vieram então as rotas marítimas de comércio, trazendo homens ávidos para contar histórias de um mundo desconhecido. Como disse BENJAMIN (1994, p. 198) “Quem viaja, tem muito que contar, diz o povo, e com isso imagina o narrador de histórias como alguém que vem de longe”. Creio que esse pensamento povoa o imaginário popular desde sempre.

Não se pode precisar exatamente quando e como a contação de histórias começou, mas considerando que os povos africanos são os mais antigos seres humanos da terra, pode-se afirmar que contar histórias tenha iniciado entre estes povos. Por meio da oralidade, o homem prosseguiu sua jornada de descobertas, aprendeu outros conhecimentos que foram decisivos para a sua formação cultural. A esse respeito, Robson Santos afirma que:

Entender a cultura oral é buscar o entendimento da formação das culturas que a utilizavam anteriormente ao surgimento da escrita e àqueles povos que, mesmo com a escrita sistematizada, fazem uso da

força da palavra para a perpetuação de sua cultura, de sua ancestralidade. (SANTOS in TIERNO, 2010, p.112).

Na visão de Santos, a escrita é o registro perpétuo do legado cultural e de conhecimentos adquiridos, mas a oralidade ainda se mantém insubstituível para alguns povos para a manutenção do sentimento de unidade, pertencimento bem como do poder ancestral historicamente construído.

Em relação à cultura oral e a escrita, Hampâté Bá esclarece que antes da escrita o homem se volta ao próprio interior para revelar o que guarda na memória.

Não faz a oralidade nascer a escrita, tanto no decorrer dos séculos como no próprio indivíduo? Os primeiros arquivos ou bibliotecas do mundo foram os cérebros dos homens. Antes de colocar seus pensamentos no papel, o escritor, ou o estudioso mantém um diálogo secreto consigo mesmo. Antes de escrever um relato, o homem recorda os fatos tal como lhe foram narrados ou, no caso de experiência própria, tal como ele mesmo os narra. (HAMPÂTÉ BÁ in MEDEIROS, 2015, p.155).

No intrincado andamento histórico que culminou com a passagem da oralidade como a única forma de comunicação na antiguidade e da memória prodigiosa dos povos ancestrais para guardar os acontecimentos, havia entre os homens o desejo de que suas histórias fossem reunidas de alguma forma para além da memória, tal como fizeram os homens primitivos nas paredes das cavernas.

Dessa maneira, selou a passagem de uma existência oralmente configurada, ouvida e compartilhada, para a existência de um mundo a ser lido, não mais fazendo da sua voz a voz do outro, mas uma experiência solitária, seguida pelo gesto do olho, em silêncio e a sós. (BUSATTO, 2007, p. 88).

Desejava ele um registro visual que transformasse a sua fala em signos decifráveis e compreensíveis, que ele pudesse reviver os fatos ali contidos sempre que o desejasse, ou seriam sempre narradores das próprias experiências. Como disse Havelock, citado por Busatto (2007, p. 88) “o homem deixa de ser um bardo para se tornar um pensador”. A mesma autora complementa:

E como tal registrou o seu saber no barro, na pedra, no papel, na tela digital, inventou o papiro, pergaminho; [...] Hoje se sabe que a palavra escrita não é uma ameaça à memória, mas antes colabora com ela, registrando a tornando perene o que era efêmero. (BUSATTO, 2007, p. 88)

Há mais de três mil anos, os povos sumérios da antiga Mesopotâmia, criaram o sistema cuneiforme de escrita. A passagem gradativa da oralidade para a escrita desencadeou a necessidade de que houvesse naquela sociedade pessoas que pudessem não só continuar os registros, como faziam os escribas, mas também, ensinassem os segredos da escrita a outros, o que determinou um ato contínuo de conhecimento até então transmitida boca a boca, sendo, por fim, registrados. A ideia da escrita se espalhou pelo oriente, chegou à velha Europa e às américas. Desde então a escrita foi, e continua sendo, constantemente aperfeiçoada até o mundo contemporâneo, onde a escrita e os livros chegaram aos mais avançados códigos e sistemas digitais, transmitidos instantaneamente para qualquer lugar do planeta. Esta evolução trouxe profundas transformações para o mundo até então geograficamente distante, bem como para a sociedade interferindo diretamente nos processos de aquisição de conhecimentos e que influenciou os sistemas de ensino.

Nesse sentido, a contação de histórias tem muito a oferecer como uma proposta de experiência educacional capaz de retomar o uso da oralidade e, desta forma contribuir para a valorização da cultura local. A partir desta experiência educacional, é possível socializar diferentes conceitos como: de igualdade, de fraternidade, respeito ao próximo e a si mesmo, aprender a ouvir para saber falar, ampliar os laços afetivos. Conforme Cléo Busatto, há algumas possibilidades de aprendizagens a partir do conto:

O conto de literatura oral serve a muitos propósitos, a começar pela formação psicológica, intelectual e espiritual do ser humano. Através do conto podemos valorizar as diferenças entre os grupos étnicos, culturais e religiosos, e introduzir conceitos éticos. O conto pode ser o estímulo que dará origem a estas e muitas outras reflexões. Serve também como elemento integrador de um trabalho em sala de aula, onde as diferentes áreas de conhecimento podem ser abordadas e pesquisadas. (BUSATTO, 2012, p. 37)

Podemos dizer que a contação de histórias na sala de aula pode ser uma atividade lúdica, prazerosa, que instiga a imaginação de quem a ouve, cria um mundo povoado por criaturas que dialogam com a fantasia, que se revelam por meio das histórias ouvidas. O contador de histórias, por meio da sua palavra, exerce um poder de encantamento com personagens vindos de um passado distante ou imaginados, que sutilmente se revelam em situações diversas a partir

dos elementos contidos nas histórias. Sobre o encantamento que as histórias produzem, Bia Bedran apresenta uma explicação interessante:

De fato, nada é mais aconchegante do que ouvir e sentir uma boa e bem-contada história em que as palavras e seus significados se fundem ao som da voz do narrador, que por sua vez agrega múltiplos sentidos, que se dirigem poeticamente para o imaginário do ouvinte que então vê as imagens nascendo com base na narrativa. (BEDRAN, 2012, p. 28).

Mais adiante, a autora se reportando ao seu trabalho artístico como musicista e contadora de histórias, diz que: “[...] procuro demonstrar quão perto habitam a palavra que se canta e a palavra que se fala, pois elas desvelam sentidos múltiplos para cada pessoa que as recebe”. (BEDRAN, 2012, p. 29).

Poderíamos aqui recorrer a muitas explicações sobre a força das palavras e do encantamento, mas se pensarmos a palavra falada como linguagem e expressão e o encantamento como a construção de imagens, estamos permitindo que cada ouvinte das histórias, decodifique-as conforme são assimiladas por meio das ações decorrentes do enredo e da sensibilidade individual.

As transformações pelas quais passa a sociedade e por consequência a educação, têm induzido os professores a repensar sua prática docente, a buscar alternativas metodológicas mais atrativas. Dessa forma, a utilização da contação de histórias é um caminho possível para atender este repensar educativo. Nesse sentido, as orientações contidas no material didático, elaborado no formato de caderno pedagógico para o projeto de intervenção pedagógica na escola, trazem subsídios metodológicos que podem viabilizar a sua aplicação em sala de aula.

A elaboração do Material Didático foi idealizada a partir do Projeto de Intervenção Pedagógica, “Cultura popular – A contação de histórias como possibilidade de resgate da cultura local”, em correspondência à realidade da educação do campo, numa percepção da contação de histórias como um recurso metodológico viável, em que se vislumbra a possível ampliação desta ação metodológica para além da linguagem da arte, atingindo outras áreas do conhecimento. A contação de histórias é uma alternativa educacional interessante, que cativa a oralidade, valoriza a cultura local no espaço escolar, na qual podem se destacar os resultados educacionais da prática da contação de histórias.

O projeto foi concebido como uma possibilidade de resgate da cultura local por meio da contação de histórias, e mesmo diante dos avanços das mídias digitais, ainda encontra lugar cativo e público garantido em espaços culturais como bibliotecas, livrarias, feiras de livros, e mais recentemente, vem ganhando expressividade nas escolas.

As ações propostas no Material Didático, tiveram como objetivo trazer subsídios que propiciem diálogos profícuos entre professores e educandos, além de incentivar a instituição escolar a promover e ampliar os espaços destinados à cultura local, representada pelos povos do campo. Desta forma, contribuir para a consolidação da identidade da comunidade escolar, apoiado numa concepção humanística em que a contação de histórias será o elo entre a escola e a comunidade, visando uma educação contextualizada.

Quero ressaltar que a elaboração do Material Didático também foi pensada como possibilidade de aplicação por professores, em diferentes realidades sociais ou localizações geográficas. Para tanto, este caderno pedagógico poderá ser adaptado ou ainda servir como norteador para a construção de um novo material didático-pedagógico conforme a realidade local ou ainda de acordo com as possibilidades da escola.

A primeira ação teve como objetivo explicar que os alunos eram o público alvo do projeto e pretendíamos, por meio da contação de histórias, levá-los a conhecer os processos culturais pelos quais passaram, que definiram os modos de vida, o jeito de falar e de ser, as características individuais, os valores morais, as crenças, a força da família nas atividades laborais com a terra, sem esquecer a participação ativa das famílias nas festas religiosas, nos encontros culturais como as cavalgadas, rodeios crioulos, entre outras manifestações.

A segunda ação teve por objetivo a apresentação dos contadores de histórias locais aos educandos, valorizando-os como portadores dos conhecimentos históricos de tradição oral. Essa etapa se iniciou com uma entrevista para que os alunos pudessem ouvir suas experiências pessoais, conhecer como se apresentam, saber qual gênero de histórias com que se afinizam e como ocorre a interação com o público.

A terceira ação foi a realização das pesquisas de histórias familiares e das comunidades locais, momento em que os alunos ouviram histórias dos

familiares, vizinhos mais próximos, histórias pessoais, narrativas de experiências de vida, causos da lida na terra, com os animais e lendas.

A quarta ação proporcionou aos estudantes, conhecimentos básicos da arte da contação de histórias, as habilidades iniciais necessárias. Foram apresentados os diferentes gêneros narrativos, como por exemplo: os contos de terror, poemas, fábulas, contos de fada, mitos, músicas, contos do nosso folclore. Os educandos conheceram ainda, os tipos de caracterizações com a utilização ou não de adereços pelo contador, ritmo e musicalidade da voz, repetição de palavras com diferentes entonações, uso da onomatopeia, performance, expressão corporal, práticas de leitura observando-se as inflexões vocais.

Na quinta ação, ocorreu a apresentação dos contadores de histórias locais para a comunidade escolar. Nesta ocasião, foram realizadas entrevistas com os contadores de histórias locais, momento em que puderam expor suas experiências pessoais.

A sexta ação, previa apresentação de contação de histórias pelos educandos, para que pudessem praticar as narrativas e se sentissem valorizados enquanto aprendizes dos segredos das narrativas.

Para a sétima ação, houve a apresentação de histórias pelo professor, para que os educandos vissem como se apresenta. Nesta oportunidade, puderam analisar o que foi aprendido com relação a apresentação do professor.

Na oitava e última ação, havia a proposta para a apresentação de um contador de histórias profissional para finalizar as atividades. Certamente esta demonstração especial traria não só um maior envolvimento dos educandos com a contação de histórias, mas também no interesse para o resgate da história e da cultura local.

A implementação do Projeto de Intervenção Pedagógica na Escola ocorreu no período de fevereiro a agosto deste ano letivo de 2017. A fase de implementação do projeto compreendeu diversas ações, as quais estão descritas de forma sucinta, oferecendo uma visão geral dos encaminhamentos realizados.

1ª ação: por ocasião da semana pedagógica ocorrida nos dias 13 e 14 do mês de fevereiro, foi apresentado o planejamento de atividades com explicações sobre o projeto aos colegas professores e equipe pedagógica.

2ª ação: no mês de março foi realizada a apresentação e explicação do projeto para a turma da 1ª Série do Ensino Médio, foco deste projeto. Houve boa receptividade com muitas perguntas sobre a contação de histórias, e sobre como as atividades seriam desenvolvidas. Estas perguntas foram devidamente esclarecidas para os alunos.

3ª ação: Para o mês de abril, conforme previsto ocorreram os primeiros contatos para as apresentações dos contadores de histórias da comunidade aos estudantes, como forma de valorizar a memória destes contadores voluntários e assim, incentivar os estudantes a prosseguirem com este trabalho de resgate da oralidade.

4ª ação: conforme o cronograma, nos meses de março, abril e maio, estavam previstas as pesquisas de histórias familiares e histórias locais pelos alunos. Assim, como primeira atividade, foi solicitado aos alunos a realização das pesquisas, que posteriormente foram elaboradas para as atividades de contação de histórias.

5ª ação: Foram realizadas as oficinas previstas do mês de maio e interrompidas no mês de junho. No mês de julho foram retomadas as oficinas sendo concluídas no mês de agosto, quando ocorrerem as apresentações dos contadores de histórias do local para a comunidade escolar. Nesta ocasião, os alunos puderam conversar com os contadores sobre suas experiências, saber um pouco de suas vidas, como atuam e as relações com o trabalho no campo.

6ª ação: no dia 22 do mês de agosto, com apresentações de contação de histórias para a comunidade escolar pelo Sr. Miguel Taborda Ferreira, Sr. Antonio da Silveira, Sr. Sebastião Gabardo e Sra. Mercedes Gabardo, todos moradores da comunidade do Pangaré, nascidos ou vindouros residentes no lugar há mais de cinquenta anos.

7ª ação: chegou o momento do professor se apresentar. Nesta oportunidade, os alunos puderam analisar o que foi aprendido com relação a apresentação do professor.

8ª ação: A finalização das ações do material didático sugere a possibilidade de se pensar numa apresentação profissional. Para tanto, indica algumas sugestões que poderão viabilizar esta ação.

Grupo de Trabalhos em Rede – GTR

O Programa de Desenvolvimento Educacional – PDE/SEED oferece aos professores da rede pública de educação o Grupo de Trabalho em Rede – GTR, como parte da formação dos professores PDE. No GTR foram disponibilizadas as produções dos professores PDE, e, a partir destas produções, por meio da Plataforma Moodle, os colegas professores, à respeito da aplicação do Material Didático Pedagógico, participaram do desenvolvimento e Implementação do Projeto de Intervenção Pedagógica na escola. As interações se desenvolveram a partir das experiências dos professores participantes do GTR, em forma de debates e relatos de experiências expostos nos diários e fóruns, sempre mediados pelo professor tutor que apresenta as suas considerações sobre as discussões. Todas as participações ocorreram a partir do Projeto de Intervenção Pedagógica na Escola e do material didático no formato Caderno Pedagógico, ambos disponibilizados na plataforma. Nestas participações, os professores do GTR, puderam contribuir com novas proposições fundamentadas em trabalhos de pesquisas científicas.

Posso salientar que as participações dos professores foram afirmativas, no sentido de que a contação de histórias, é uma possibilidade educacional viável. Os colegas apresentaram relatos enriquecedores das suas experiências com a contação de histórias nas escolas onde atuam, das práticas vivenciadas em momentos lúdicos como das rodas de conversas, da hora da leitura, das leituras de histórias, entre outras. As interações dos colegas professores no

GTR, evidenciaram a necessidade de ampliação destas experiências de forma interdisciplinar, o que enriqueceria ainda mais a construção dos conhecimentos.

A seguir, apresento algumas participações de professores no GTR, os quais relatam suas experiências com a contação de histórias trabalhadas com seus alunos em diferentes oportunidades, momentos em que puderam explorar algumas diversidades de gêneros narrativos com a utilização de recursos visuais diferentes. Destacaram a importância de se dar oportunidades aos alunos para se manifestarem dando-lhes visibilidade. Estas experiências favoreceram as aproximações entre educandos e docentes, com resultados positivos para o desenvolvimento educacional.

Para o professor que escreveu o texto abaixo, há uma preocupação inicial em trazer aos educandos os conhecimentos históricos relacionados aos contos de causos populares e histórias sobre lendas, o que os incentivou a entrevistar os familiares e outras pessoas da comunidade. Neste trabalho, o professor incluiu a utilização de fantoches como recurso que os pequenos gostam muito.

[...] Os 6º anos são curiosos e gostam tanto de contar histórias como de escutá-las. Procuo primeiro levar a eles alguns contos de causos populares da região ou historinhas mesmo sobre algumas lendas, causos, às vezes, juntamente com uso de fantoches, eles adoram, após falar sobre o assunto, peço que façam entrevistas com avós, pessoas mais velhas da comunidade [...] As histórias são contadas para sala e após são feitas ilustrações, desenhos representativos. [...] Além de valorizar a cultura local, se conhece melhor quem são seus alunos, como vivem e as histórias de lendas, causos de cada comunidade.

Este outro professor destaca que ouvir seus alunos, já faz parte da rotina diária do seu trabalho na escola. Aponta que as histórias ainda estão presente entre as crianças, contudo, há necessidade de se ampliar as oportunidades para ouvir os pequenos educandos, como possibilidade de incentivo para que as histórias e os causos sejam parte da valorização pessoal.

[...] É fato que o hábito de contar histórias vem desaparecendo de nossa sociedade. [...] Essa necessidade de contar uma história persiste em nossos alunos, [...] eles sempre têm algo para contar sobre suas vidas fora da escola, seus problemas e suas emoções, ouvi-los se tornou parte do meu processo didático. [...] me veio a ideia de amadurecer esta pequena ação de ouvir as crianças em um projeto de registro de seus desabafos por vídeo. Seria um modo de dar ainda mais relevância aos testemunhos dos alunos e estimulá-los para o exercício de narrativa.

A contribuição da professora abaixo descrita, traz uma análise do projeto de intervenção pedagógica, objeto de estudos do GTR, no sentido de que a contação de histórias pode ser uma contribuição positiva para valorizar a cultura local. Propõe também a aproximação entre as diferentes gerações para reavivar o hábito da conversa em especial no seio familiar.

[...] estamos realizando uma atividade semelhante na área rural onde leciono em parceria com a professora de História e os demais professores [...] A escola está localizada na área rural do município e estamos fazendo um resgate histórico, onde os alunos participam ativamente com seus familiares que enriquecem as produções com histórias, fatos e acontecimentos do pequeno bairro. Ainda estamos no começo, mas já temos visto alguns resultados.

Para o relato da professora a seguir, a contação de histórias é um modo de manter os laços familiares e sociais, contribui amplamente na educação, porém, considera importante que os professores assumam a responsabilidade da leitura como parte do desenvolvimento individual dos educandos.

[...] a contação de história é forma de lazer, de prazer, de aquisição de conhecimento, de enriquecimento cultural e de interação social, é também um modo de manter as famílias e os grupos sociais unidos. Sendo assim, faz-se necessário que nos conscientizemos, enquanto educadores, da responsabilidade diante da importância da leitura para a vida individual, social e cultural do educando. [...]

Considerações Finais

Embora nenhum de nós vá viver para sempre, as histórias conseguem. Enquanto restar uma criatura que saiba contar a história e enquanto, com o fato de ela ser repetida, os poderes maiores do amor, da misericórdia, da generosidade e da perseverança forem continuamente invocados a estar no mundo, eu lhes garanto que ... será suficiente.
(ESTÈS, 1998, p.39).

Penso que as palavras da escritora e poetiza Clarissa Pínkola Estés, nos apresentam como “contar histórias” se perpetua pela repetição, por alguém que se disponha a repeti-las para permanecerem no mundo. Contar histórias com prazer, é presentear os ouvintes com a livre imaginação, é dar poder as palavras para que se transformem em imagens e cores, para que a fantasia delineie as formas. Ouvir uma boa história é divagar sobre outros mundos, longe da realidade presente. Para BUSATTO (2012, p. 52), “A imagem é um dos elementos de encantamento na contação de histórias”. O encantamento que a

contação de histórias pode produzir em quem as ouve, revela a dimensão que o enredo com seus personagens invoca.

O desenvolvimento deste projeto como resgate da cultura local permitiu muitas reflexões sobre a contação de histórias na prática educacional. Como já apresentado no início deste projeto, a contação de histórias é uma ação na prática docente que possibilitará uma melhor interação entre o professor e aluno, a partir da utilização de uma linguagem versátil como a oralidade, do estudo da história e da cultura local ancorada na ludicidade, direcionada a uma aprendizagem prazerosa. A necessidade de repensar a sua metodologia de trabalho, tem instigado os professores a refletirem sobre suas práticas didáticas, conduzindo-os a procurar métodos diversificados de ensinar.

Devo considerar que durante a aplicação deste projeto, foram muitos os momentos merecedores de registros especiais resultantes da contação de histórias, tais como a participação dos estudantes nas suas pesquisas históricas entre os seus familiares, nas conversas e entrevistas com vizinhos contando as histórias de vida, do difícil trabalho com a terra para a produção de alimentos, o falar e ouvir mais afetivo, o aprimoramento no diálogo com os colegas e familiares. Para os educandos, foi o início de uma outra forma de se ver, quanto às suas origens familiares assim como um outro olhar para o lugar onde vivem.

Há que se considerar ainda que este projeto de resgate da cultura local por meio da contação de histórias, apresentou um caminho possível de incentivo à aprendizagem, por meio do encantamento, trouxe alegria ao processo de aprendizagem, tradicionalmente com os educandos dispostos em filas, por uma que liberte, que não seja tão rígida a ponto de criar sombras à frente, à esquerda e à direita, e que enriqueça a imaginação, deixe a criatividade divagar outros caminhos, que traga alegria pelo aprender e que este aprender, seja mais colorido, que traga transformação e prazer pelo conhecimento.

REFERÊNCIAS

BEDRAM, Bia. ***A arte de cantar e contar histórias***. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

BENJAMIN, Walter. ***Magia e Técnica, Arte e Política: Obras Escolhidas***. São Paulo: V. 1 : Ed. Brasiliense, 1994.

BUSATTO, Cléo. ***Contar e Encantar: Pequenos segredos da narrativa***. 8. – ed: - Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

_____. ***A Arte de Contar Histórias no Século XXI Tradição e Ciberespaço***. 2. ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

ESTÉS, Clarissa Pinkola. ***O dom da história: uma fábula sobre o que é suficiente***; tradução de Waldéa Barcellos. – Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

MATOS, Gislayne Avelar. ***A palavra do contador de Histórias***. 2. Ed. – São Paulo: Ed. WMF Martins Fontes, 2014.

MEDEIROS, Fábio H. N., MORAES, Taiza M. R. ***Contação de histórias: tradição, poéticas e interfaces***: São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2015.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. Superintendência da Educação. ***Diretrizes Curriculares da Educação do Campo***. Paraná: SEED, 2006.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. Superintendência da Educação. ***Diretrizes Curriculares da Educação Básica, Arte***. Paraná: SEED, 2008.

ALVES, Rubem. ***Explicação***. In MEDEIROS, Fábio H. N. (Org.) ***Contação de histórias: tradição, poéticas e interfaces***: São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2015.

SILVA, René Marc da Costa. (Org.). CAVALCANTI; Maria Laura, BRANDÃO, Carlos Rodrigues et al. ***Cultura popular e Educação. Salto para o Futuro.*** – Brasília: MEC, 2008.

SANTOS, Robson A. ***Ao Pé do Fogo... Conversas sobre oralidades.*** In: TIERNO, Giuliano (Org.). ***A Arte de Contar Histórias: Abordagens poética, literária e performática*** – São Paulo: Ícone Editora, 2010.